

ATUAÇÃO DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTADO DA ARTE SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA

Bianca Camacho de Almeida Böhm¹

Míria Izabel Campos²

RESUMO

Este artigo constitui-se estado da arte que pretendeu levantar, analisar e discutir as produções acadêmicas nacionais acerca da atuação de professores homens na Educação Básica. De caráter bibliográfico, abarcou qualitativamente e quantitativamente teses, dissertações, trabalhos de iniciação científica, publicações em periódicos e comunicações em anais de eventos da área. Como evidências pode-se apontar que a predominância feminina na docência ocorreu devido à construção histórica de um pensamento que liga a mulher à maternidade. É relevante o fato da realidade salarial da docência infantil que afastou os homens dos níveis iniciais do ensino. Também chama atenção a escassez de discussões do tema nos estados mais afastados dos grandes centros de pesquisa e que a maioria dos pesquisadores são mulheres, demonstrando que os homens podem ainda não ter despertado o interesse pela temática.

¹ Pedagoga, formada pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: biancabohm@hotmail.com.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Professora na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. E-mail: miria.iza.campos@gmail.com.

Palavras-chave: Educação Básica. Gênero. Estado da arte.

MEN TEACHERS' PERFORMANCE IN BASIC EDUCATION: A STATE OF ART ACADEMIC PRODUCTION

ABSTRACT

This article consists in state of art that purposed to raise, analyze and discuss the national academic productions about men teachers' performance in Basic Education. This work covered qualitatively and quantitatively theses, dissertations, scientific initiation papers, periodic publications and communications anal in conferences area, bibliographical. We can point the female predominance in the teaching was due to historic construction of a belief that connects the woman to the maternity as evidence. It is relevant the fact of reality salary in the basic teaching removed the men from the initial levels of education. The lack of discussions on this subject in the states farthest from major research centers and most researchers are women, showing that

men may not have aroused interest in the area, also attract attention.

Keywords: Basic Education. Genre. State of art

INTRODUÇÃO

Este artigo constitui-se em um estado da arte³ que pretendeu levantar, analisar e discutir as produções acadêmicas nacionais acerca da atuação de professores homens na Educação Básica. Elaborado como requisito parcial para conclusão do curso de Pedagogia junto à Faculdade de Educação (FAED), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFMS), localizada na cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul, privilegiou a metodologia de caráter bibliográfico, realizando uma pesquisa que abarcou qualitativamente e quantitativamente teses, dissertações, trabalhos de iniciação científica, publicações em periódicos, bem como comunicações em anais de eventos da área.

O que instigou a confecção do trabalho foram estudos realizados ao longo do curso de graduação em pedagogia e, especificamente, após a elaboração e apresentação de um seminário sobre gênero e educação. O texto base utilizado naquele momento foi “Vozes Masculinas numa Profissão Feminina: o que têm a dizer os professores”, de Marília Pinto de Carvalho (1998), no qual discute a questão da presença masculina no ensino primário. A autora apresenta reflexões que fizeram parte de uma pes-

³ “[...] pesquisas conhecidas pela denominação ‘estado da arte’ ou ‘estado do conhecimento’. [...] são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar” (FERREIRA, 2002, p. 258).

quisa sobre trabalho docente e relações de gênero desenvolvido junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

Historicamente no Brasil, assistiu-se a um processo de feminização do magistério que dentre várias e complexas articulações, associou características tidas como femininas, quais sejam, gostar de criança, paciência, delicadeza e mesmo a maternidade como condição natural para desenvolver a educação e o cuidado dos pequenos, gerando como consequência o afastamento dos homens do dia a dia das instituições. Nesse contexto, este trabalho objetivou contribuir para o levantamento das produções que discutem o lugar do masculino dentro de uma carreira considerada eminentemente feminina, principalmente, referindo-se à Educação Infantil e aos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Acredita-se na relevância desta investigação na medida em que, na contemporaneidade, muito se discute sobre a igualdade de oportunidades para homens e mulheres e na construção de uma educação pautada na diversidade de gênero, classe, raça, etnia, geração. Nessa direção, vislumbra-se a contribuição do estudo ao movimento de desconstrução e ressignificação das ideias preconcebidas para cada gênero.

Para a apresentação da pesquisa estruturou-se este artigo em três momentos. No primeiro discorre-se e reflete-se acerca da temática abordada contextualizando a sua importância. No segundo momento, faz-se a exposição dos métodos e procedimentos

utilizados na pesquisa, análise e percepções dos dados obtidos. Por fim, registram-se as considerações finais a partir do que foi abordado e discutido no decorrer do trabalho.

REFLETINDO SOBRE GÊNERO E DOCÊNCIA

Refletir a respeito de gênero é desmistificar a ideia de naturalização dos comportamentos tidos como femininos ou masculinos. É pensar que desde o momento do nascimento nos constituímos homens e/ou mulheres, através dos diversos aprendizados sociais, começando na família. Nessa perspectiva temos a contribuição de Meyer (2008, p. 24) que conceitua gênero como a “[...] construção e organização social das diferenças entre os sexos, que se realiza em múltiplas instâncias, em diferentes práticas e instituições sociais e através de muitas linguagens”.

Também sobre o conceito de gênero temos, de acordo com Braga (2007, p.213), que este:

[...] surgiu entre as estudiosas feministas para contrapor a idéia (*sic*) de essência, recusando assim qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres, empreendendo desta forma, uma visão naturalizada, universal e imutável dos comportamentos.

A palavra gênero passou a ser utilizada para explicar características sociais, históricas e culturais atribuídas a homens e a mulheres, ou seja, deixou-se de buscar apenas fatores biológicos para diferenciar comportamentos di-

tos masculinos e femininos. Portanto, como destaca Louro (2006, p. 4) “[...] lidar com o conceito de gênero significa colocar-se contra a naturalização do feminino e, obviamente, do masculino”.

Ainda segundo a mesma autora, o gênero constitui-se, e é constituído, em diversas instituições e práticas sociais, dentre elas a escola. As instituições escolares são atravessadas pelos gêneros, ou seja, em sua prática, a escola não somente produz sujeitos como também é produzida por representações de gênero (LOURO, 1997a).

Se questionado sobre qual é o gênero da docência, o principal pensamento popular que se tem é de que a docência é eminentemente feminina devido à associação que se faz da atividade escolar ao cuidado e à educação, pois são tarefas culturalmente atribuídas às mulheres e ligadas à maternidade. No entanto, também há discursos que associam a docência ao gênero masculino, justificando que o conhecimento teórico, construído historicamente e apresentado pela escola, foi principalmente desenvolvido por homens. “Portanto, é possível argumentar que, ainda que as agentes de ensino possam ser mulheres, elas ocupam de um universo marcadamente masculino” (LOURO, 1997a, p. 89).

Corroborando com essa afirmação, dados do Censo Escolar da Educação Básica, realizado em 2007:

Nas creches, na pré-escola e nos anos iniciais do ensino fundamental, o universo docente é predominantemente feminino (98%, 96% e 91%, respectivamente). No entanto, a cada etapa do ensino regular amplia-se a parti-

cipação dos homens, que representam 8,8% nos anos iniciais do ensino fundamental, 25,6% nos anos finais e chegam a 35,6% no ensino médio. Somente na educação profissional encontra-se situação distinta, pois há uma predominância de professores do **sexo masculino** (BRASIL, 2009, p. 22, grifos nossos).

É notável que o perfil predominantemente feminino da docência se modifica de acordo com as etapas da Educação Básica. Como se pode afeirir dos dados apresentados, a presença da mulher vai se alterando ao passo que se caminha da Educação Infantil para o Ensino Médio e Profissional.

Apesar da presença predominantemente feminina na docência atualmente, os primeiros mestres das instituições escolares foram homens, em geral religiosos, e no Brasil representado pelos Jesuítas. Assim, segundo Louro (1997a), acabaram por se constituir uma das primeiras e fundamentais representações do magistério. Os Jesuítas eram:

Modelos de virtudes, disciplinados disciplinadores, guias espirituais, conhecedores das matérias e das técnicas de ensino, esses primeiros mestres devem viver a docência como um sacerdócio, como uma missão que exige doação. Afeição e autoridade, bom senso, firmeza e bondade, piedade e saber profissional são algumas das qualidades que lhes são exigidas. Seu papel de educador combina o exercício de uma 'paternidade, uma magistratura, um apostolado e uma luta' (assim determina, por exemplo, o *Guide des Écoles*, texto de orientação dos antigos mestres maristas, ainda hoje em uso). Ainda que as modificações sociais que se seguem transformem, sem dúvida, essa representação de magistério, a referên-

cia parece ter permanecido (LOURO, 1997a, p. 93, grifos da autora).

As concepções atribuídas ao modelo de docência foram sendo construídas ao longo da trajetória das mulheres como professoras. Em meados do século XIX, já existiam mulheres professoras, mas se limitavam apenas ao ensino de meninas. No entendimento da sociedade e da igreja, a mulher deveria ser bem instruída, ter bom comportamento para se tornar uma boa esposa e mãe e somente elas poderiam educar as meninas.

Vale ressaltar que as meninas, nesse período, tinham acesso somente à instrução primária, aprendendo apenas a ler, escrever, contar, conhecer as quatro operações e a doutrina Cristã, acrescidas de ensino de bordado e costura, enquanto os meninos recebiam noções de geometria. Tal distinção no ensino de meninos e meninas contribuiu para a baixa remuneração salarial das professoras, pois seu trabalho se diferenciava curricularmente dos demais professores homens.

Embora a lei determinasse salários iguais, a diferenciação curricular acabava por representar uma diferenciação salarial, pois a inclusão da geometria no ensino dos meninos implicava outro nível de remuneração no futuro - que só seria usufruído pelos professores (LOURO, 1997b, p.444).

Aos poucos os homens começaram a abandonar o magistério em busca de melhores oportunidades de trabalho e a urbanização e a industrialização vieram para facilitar a saída definitiva dos mesmos, contribuindo assim para o processo de feminização do magistério. Como afirma Vianna (2002, p. 85):

Assim, desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral.

Na falta de professores homens, as mulheres começaram a assumir também as classes para meninos. As escolas normais tornaram-se praticamente lugares de formação apenas de professoras, aceitando somente as moças solteiras e as viúvas, pois as mulheres casadas não deveriam descumprir com seus deveres de mãe e esposa. Assim, a escola se tornaria a única ocupação das professoras, local no qual se dedicariam inteiramente ao ensino e cuidados dos alunos que seriam como seus filhos.

A predominância das mulheres no magistério gerou muitas críticas e discussões, como demonstra Louro (1997b, p.450, grifos da autora) ao apresentar a trajetória das mulheres na educação:

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão *natural*, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros ‘pouco desenvolvidos’ pelo seu ‘desuso’ a educação de crianças. [...] Outras vozes surgiram para argumentar na direção oposta. Afirmavam que as mulheres tinham, ‘por natureza’, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto nada

mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos.

Nota-se que, enquanto uns alegavam que as mulheres eram desprovidas de inteligência para educar os pequenos, outros tinham convicção que a mulher era ideal para a docência, relacionando o ensino dado por esta com a maternidade, sendo elas, portanto, pré-destinadas à educação de crianças.

Importante ressaltar que apesar da predominância feminina, geralmente quem assumia o cargo de diretor nas escolas públicas eram os homens. E que para as mulheres, o magistério foi uma forma de ampliar suas relações sociais, até então apenas tidas na igreja e no lar. Conforme discute Louro (1997b) é fato que a história das mulheres na profissão docente é marcada pelas relações sociais de poder.

Ainda como discurso associando a docência à maternidade, justificava-se a saída dos homens das salas de aula caracterizando o magistério como eminentemente feminino e articulando a atividade docente a características religiosas “[...] reforçando ainda a idéia (*sic*) de que a docência deve ser percebida mais como um “sacerdócio” do que como uma profissão” (LOURO, 1997b, p. 450).

De acordo com a exposição realizada até o momento, fica evidente a necessidade de se ampliar discussões no âmbito da educação sobre o gênero da docência, pois, ainda hoje, mesmo que diferenciadas, a visão de maternidade e sacerdotismo permanecem internalizadas na concepção da sociedade, levando a reflexão sobre a baixa representação

masculina na docência, principalmente, no magistério infantil.

LEVANTAMENTO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir do momento em que houve a escolha da temática “Professores homens e Educação Básica”, iniciou-se um estudo apoiado teoricamente em autores como Braga (2007), Louro (1997a, 1997b, 2006), Meyer (2008) e Vianna (2002), buscando compreender sobre as relações de gênero na docência enfatizando o processo histórico da educação.

Em um segundo momento, decidiu-se privilegiar uma metodologia norteada por uma abordagem qualitativa e quantitativa buscando desenvolver uma pesquisa de estado da arte, reunindo produções acadêmicas que abordassem o assunto proposto.

Neste sentido, a intenção inicial desta pesquisa seria realizar um levantamento bibliográfico das publicações acadêmicas com a delimitação do período entre 2008 e 2011, acreditando-se que haveriam inúmeros trabalhos pautados no tema investigado. Ao decorrer das buscas observou-se a escassez de trabalhos entre os anos propostos, sendo assim, optou-se por não limitar o período das produções.

A partir disso, realizaram-se coletas de dados na rede mundial de computadores, mais especificamente em sites de bancos de teses, periódicos, anais de eventos e banco de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), utilizando como critério textos em português, publicados no Brasil. Para tal, foram usadas as seguintes palavras-chave: Educação, Gênero, Homens, Masculinidade, Educação Básica.

Mediante esse procedimento, apurou-se 16 títulos produzidos entre os anos de 1993 a 2011. A partir das leituras realizadas, constatou-se que a maioria dos trabalhos adotou como metodologia a pesquisa bibliográfica e de campo, exceto um que apresentou apenas a primeira modalidade citada. Os estudos de campo privilegiaram a utilização de entrevistas com docentes homens atuantes de alguma maneira no meio escolar infantil, além de outros instrumentos de análise como registros, observações e questionários, entre outros, com objetivo maior de investigar como o homem se constitui neste universo, nas relações entre os pares, crianças e suas famílias.

Posteriormente, elaborou-se um quadro por ordem de ano de produção, bem como, autores, tipos, publicações e regiões das produções e na sequência, gráficos pontuando cada item.

Quadro 1 - Levantamento das produções acadêmicas

TÍTULO	AUTOR	ANO	TIPO	PUBLICAÇÃO	INSTITUIÇÃO	REGIÃO/UF
Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina	DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira.	1993	Artigo	Cadernos de Pesquisa	USP UNICAMP	Sudeste São Paulo-SP
Vozes masculinas numa profissão feminina: O que têm a dizer os professores	CARVALHO, Marília Pinto de.	1998	Artigo	LASA; Estudos Feministas;	USP	Sudeste São Paulo-SP
Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças pequenas	SAYÃO, Deborah Thomé.	2002	Artigo	ANPED	UFSC	Sul Florianópolis-SC
Relações de gênero e trabalho docente na Educação infantil: um estudo de professores em creche	SAYÃO, Deborah Thomé.	2005	Tese de Doutorado	Zero-a-Seis	UFSC	Sul Florianópolis-SC
Homens na roda: vivências e interações corporais nas séries iniciais da educação básica	SILVA, Wesley Lopes da.	2006	Dissertação de mestrado	Banco de teses -Biblioteca PUC-MG	PUC-MG	Sudeste Belo Horizonte-MG
Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças	CARDOSO, Frederico Assis.	2007	Artigo	ANPED	UNA UFMG	Sudeste Belo Horizonte-MG
Homens ensinando crianças: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na escola rural	FERREIRA, José Luiz.	2008	Tese de doutorado	Banco de teses	UFPB	Nordeste João Pessoa-PB
A figura masculina na docência do ensino primário: um "corpo estranho" no cotidiano das escolas públicas "primárias" do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal	RABELO, Amanda Oliveira.	2009	Resumo de Tese de Doutorado	Revista HISTEDBR On-line	Universidade de Aveiro	Sudeste RJ Portugal
Os professores do sexo masculino no ensino "primário": um "corpo estranho" no cotidiano das escolas públicas do Rio de Janeiro (Brasil) e de Aveiro (Portugal)	RABELO, Amanda Oliveira.	2009	Artigo	Estudos RBEP	Universidade de Aveiro	Sudeste RJ Portugal

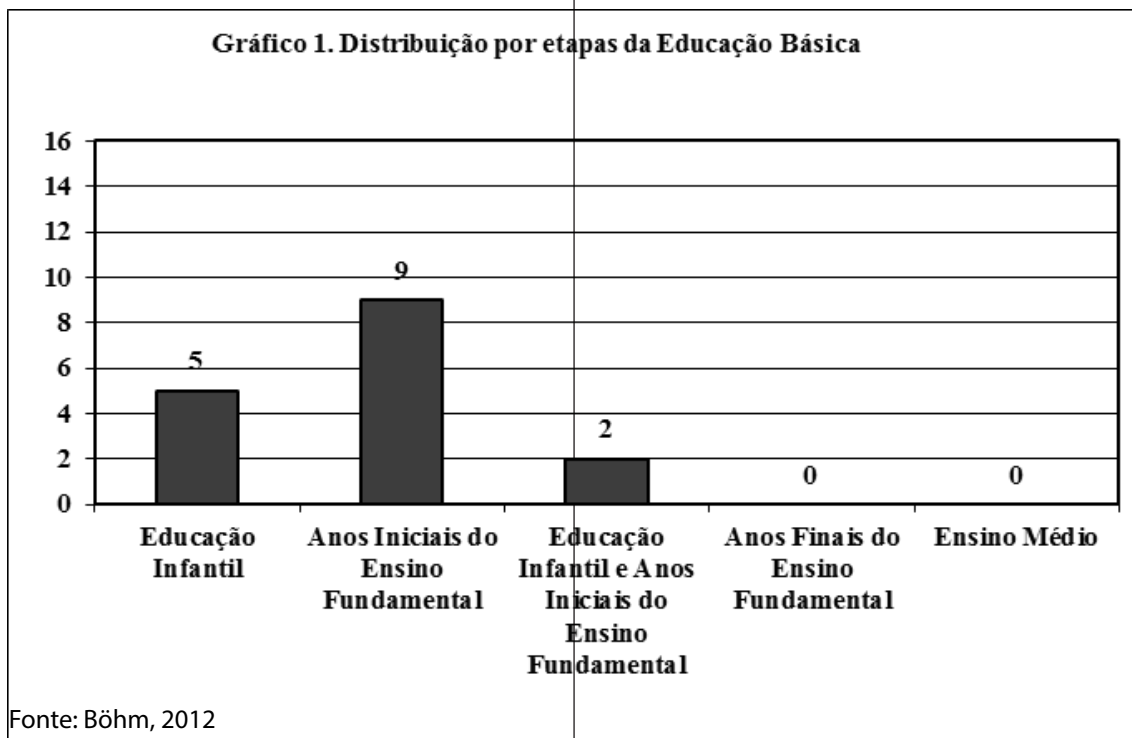
CONTINUA

A presença de educadores do sexo masculino na educação e cuidado de crianças pequenas	RAMOS, Joaquim; XAVIER, Maria do Carmo.	2010	Artigo	Fazendo Gênero	PUC-MG	Sudeste Belo Horizonte-MG
Educação: profissão para o feminino, bico para o masculino	SOUZA, Maria José Ribeiro de.	2010	Artigo	Fazendo Gênero	Faculdade Metropolitana; GepGênero/UNIR	Norte Porto Velho-RO
Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais	SOUZA, Mara Isis de.	2010	Dissertação de Mestrado	Banco de teses	USP	Sudeste Ribeirão Preto-SP
Gênero e trabalho docente: representações de professores (as) sobre a docência masculina nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de Belém - PA	CONCEIÇÃO, Thiago Augusto de Oliveira da.; SANTOS, Vanessa Galvão dos.	2010	Resumo Trabalho de Iniciação Científica	Anais ANPEG	UEP	Norte PA
Professores homens nas Séries iniciais: escolha profissional e mal-estar docente	RABELO, Amanda Oliveira.	2010	Artigo	Educação e Realidade	Universidade de Coimbra	Sudeste RJ Portugal
"Docência híbrida: a presença crescente dos homens nos anos iniciais do ensino fundamental"	SILVA, Fernanda Nubia da.; Co-Autores: PIZZI, Laura Cristiana Vieira.; OLIVEIRA, Manuella Souza de.	2010	Artigo	V EPEAL (Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas)	UFAL	Nordeste AL
Encontros e desencontros: a voz masculina na Educação Infantil	SANTOS, Rafael Bastos.	2011	Artigo	ICEP (Instituto Chapada de Educação e Pesquisa)	UFBA	Nordeste BA

Fonte: Böhm, 2012

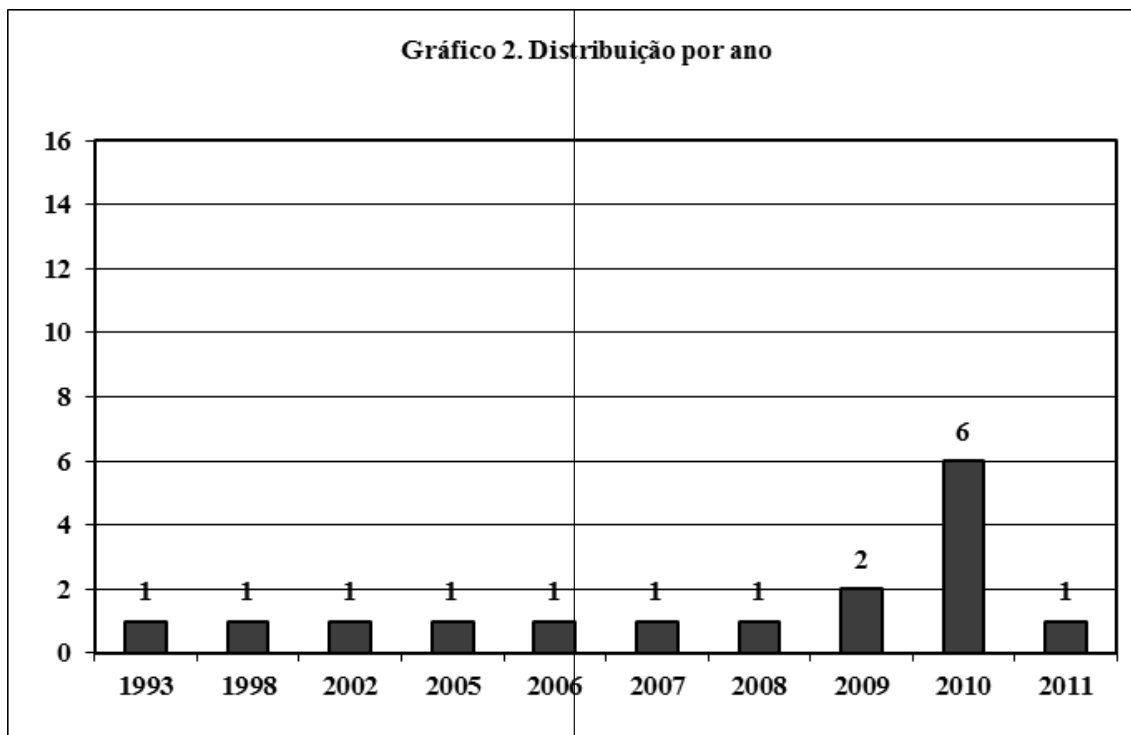
Ao observar o quadro, nota-se que 33,33%, ou seja, 1/3 dos pesquisadores são homens, enquanto 66,66% são mulheres. Tais números demonstram que o interesse por pesquisas relacionadas a gênero e docência ainda são mais frequentes entre as mulheres, enfatizando que a docência considerada histórica-

mente como um espaço feminino, também se caracteriza da mesma maneira quando da realização de investigações acerca da temática. Ou seja, poucos homens se dedicam à reflexão sobre tal fato, visto que os próprios educadores não se encontram em tal espaço, fato evidenciado nos trabalhos pesquisados.



O quadro acima faz menção às etapas da Educação Básica consideradas nos trabalhos analisados. No terceiro item do quadro foram agrupadas as duas etapas iniciais, pois em alguns trabalhos elas foram investigadas conjuntamente. Ao analisá-lo constata-se que não houve produções relacionadas com os Anos Finais do Ensino Fundamental, tão pouco ao Ensino Médio. Com isso, evidencia-se que as discussões existentes referem-se à educação de crianças pequenas, ou seja, por

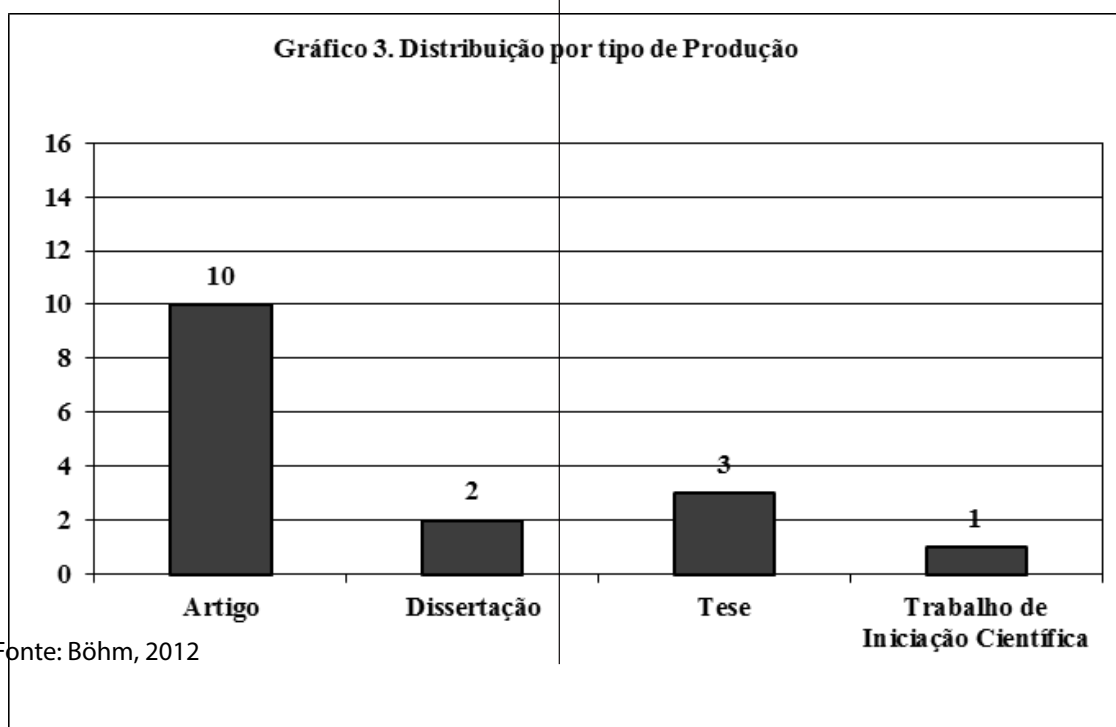
ser uma etapa da educação ligada ao cuidado e associada culturalmente à docência feminina, questiona-se mais sobre a presença dos homens. Assim reflete Louro (1997a, p.107) sobre as representações dos professores: “[...] a representação dominante do professor homem foi — e provavelmente ainda seja — mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto que a da professora mulher se vincula mais ao cuidado e ao apoio ‘maternal’ à aprendizagem dos/das alunos/as”.



Fonte: Böhm, 2012

Conforme o gráfico 2 é possível analisar que as discussões sobre a temática proposta começam a surgir a partir do final do século XX, com maior ênfase de crescimento a partir do final da primeira década do século XXI. Nota-se que há um período longo entre o primeiro trabalho encontrado e os de-

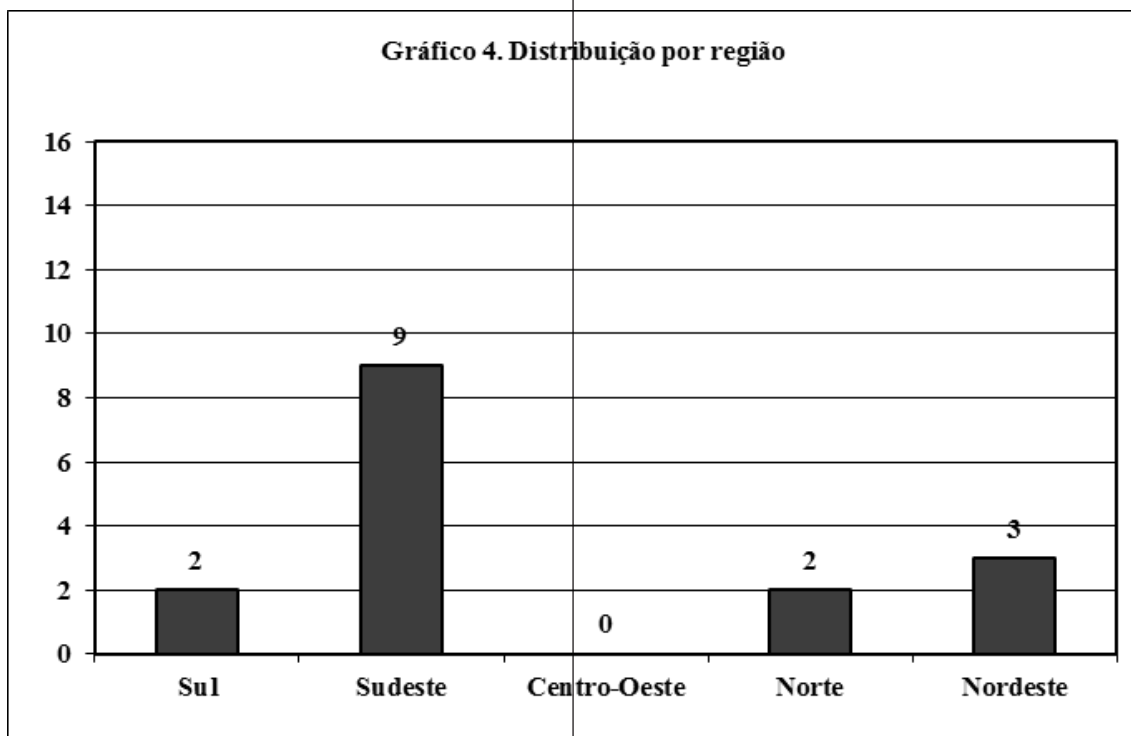
mais. Ressalta-se que as buscas para a elaboração deste artigo foram realizadas utilizando a ferramenta internet, portanto, um dos motivos da inexistência de trabalhos sobre o tema antes da década de 1990, pode estar aliado ao crescimento do acesso a tal tecnologia a partir da década citada anteriormente.



Fonte: Böhm, 2012

No gráfico 3, verifica-se que 62,5 % da produção acadêmica se expressa em artigos de periódicos e anais de eventos; 12,5% em dissertações; 18,75% em teses; e 6,25% em trabalhos de iniciação

científica. Foi possível verificar que diversos artigos apresentam-se como recortes das dissertações e teses, levando-nos a refletir sobre como essa forma de publicação amplia a visão dos trabalhos.



Fonte: Böhm, 2012

O gráfico 4 apresenta a distribuição do material por região. Observa-se que há um predomínio de produções na região Sudeste, seguida pelo Nordeste e, por último, Sul e Norte com a mesma quantidade de publicações. Nenhuma publicação foi encontrada no Centro-Oeste. Portanto, vale ressaltar que mesmo com o projeto de ampliação das universidades para o interior do país, o gráfico nos mostra que as maiores concentrações de produções ainda se encontram nas grandes cidades, onde estão localizadas as maiores universidades e centros de pesquisas, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar acerca da presença/ausência dos homens no magistério infantil instigou a realização de uma investigação mais ampliada sobre o processo de feminização do magistério na tentativa de reunir evidências sobre tal fato. Ao longo dos estudos foi possível constatar que a predominância feminina na docência ocorreu devido à construção histórica de um pensamento que liga a mulher à maternidade, tornando-a perfeita para o ensino de crianças pequenas.

Outro fato relevante observado a partir dos dados levantados é a realidade salarial da docência infantil, que acabou por afastar os homens dos níveis iniciais do ensino. Mesmo com

todas as transformações sociais, culturais e econômicas e a presença cada vez mais crescente da mulher no mercado de trabalho, o que gerou uma nova configuração familiar, registra-se que continua arraigada a ideia do homem como o maior responsável pelo custeio das despesas.

Análises de elementos da pesquisa relacionados à distribuição dos trabalhos pelo país verificaram que ainda são raras as discussões referentes ao tema nos estados mais afastados dos grandes centros de pesquisas, o que leva a refletir sobre a cultura do interior do país que ainda não permite ou não despertou para determinadas análises sobre gênero.

Notou-se também que a maioria dos pesquisadores da temática são mulheres, demonstrando que os homens podem ainda não ter despertado o interesse sobre o tema, pois tradicionalmente não ocupam cargos ligados ao magistério infantil e não se veem trabalhando em tal área da educação.

Por fim, espera-se que este estudo possa contribuir para desmistificação do pensamento histórico e culturalmente impregnado na sociedade na qual impõe o que são tarefas de homens e mulheres e, com isto, colaborar para as discussões sobre a igualdade de gênero tão primordial para uma educação pautada na diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, E. R. M. A questão do gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, E.; ROSIN, S. M. (Orgs.). *Infância e práticas educativas*. Maringá, Eduem, 2007.

BRASIL. *Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília : Inep, 2009.

CARDOSO, F. A. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. *30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3550--Int.pdf>> Acesso: 29 set. 2011.

CARVALHO, M. P. Vozes Masculinas numa Profissão Feminina: O que tem a dizer os professores. *LASA*. 1998. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/PintodeCarvalho.pdf>> Acesso: 14 ago. 2011.

CONCEIÇÃO, T. A. O. SANTOS, V. G. dos. Gênero e trabalho docente: Representações de professores (as) sobre a docência masculina nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de Belém - PA. *ANPEG*, 2010. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/userfiles/file/Anais%20Congresso/RESUMO_ANPG.pdf> Acesso: 06 Jan. 2012.

DEMARTINI, Z.; ANTUNES, F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.86, p. 5-14, ago, 1993. Disponível: <<http://educ.fcce.org.br/pdf/cp/n86/n86a01.pdf>> Acesso: 14 ago. 2011.

FERREIRA, J. L. *Homens ensinando crianças*: Continuidade - descontinuidade das relações de gênero na escola rural. Tese de Doutorado. Joao Pessoa: UFPB, 2008. Disponível em: <http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/imagens/homens_ensinando-criancas.pdf> Acesso: 06 Jan. 2012.

FERREIRA, N. S, de A. AS PESQUISAS DENOMINADAS “ESTADO DA ARTE”. *Educação & Sociedade*. São Paulo, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, Agosto/2002.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997a.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary del (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997b. p. 443-481.

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação*: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. GT: gênero, sexualidade e educação/n. 23. 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT23/TE%20-%20GT23%20-%20Guacira.pdf> Acesso: 17 abril 2012.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e sexualidade na educação escolar. *Salto para o Futuro*, v. XVIII, p.20-30, 2008.

RABELO, A. O. A figura masculina na docência do ensino primário: um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas “primárias” do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. *Revista HISTEDBR On-line*. n.33, p302-302, mar.2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/rdt02_33.pdf> Acesso: 14 ago. 2011.

RABELO, A. O. Os professores do sexo masculino no ensino “primário”: um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas do Rio de Janeiro (Brasil) e de Aveiro (Portugal). *Estudos RBEP*. v. 90, n. 226, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1449/1284>> Acesso: 14 ago. 2011.

RABELO, A. O. Professores homens nas Séries iniciais: escolha profissional e mal-estar docente. *Educação e Realidade*. v. 35, n.2, 2010, Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8198>> Acesso: 06 jan. 2012.

RAMOS, J.; XAVIER, M. C. A presença de educadores do sexo masculino na educação e cuidado de crianças pequenas. *Fazendo Gênero*, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277930497_ARQUIVO_Artigo-FAZENDOGENRO-versaofinal.pdf> Acesso: 06 jan. 2012.

SANTOS, R. B. Encontros e desencontros: a voz masculina na Educação Infantil. *ICEP*, 2011. Disponível em: <www.institutochapada.org.br/.../Artigo-de-Rafael-Boa-Vista-do-Tupi...> Acesso: 06 Jan. 2012.

SAYÃO, D. T. *Relações de Gênero e trabalho docente na Educação Infantil: Um estudo de Professores em creche*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/DEBORATSE.pdf>> Acesso: 14 ago. 2011.

SAYÃO, D. T. *Relações de Gênero na Creche: os homens no cuidado e educação das crianças pequenas*. G.T. Educação das crianças de 0 a 6 anos - G.T. 07, 25ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu/MG, 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/posteres/deborahthomesayaop07.rtf>> Acesso: 14 ago. 2011.

SILVA, F. N. (et al). *Docência híbrida: A presença crescente dos homens nos anos iniciais do ensino fundamental*. V EPEAL, Maceió/AL, 2010. Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/DOCENCIA-HIBRIDA-A-PRESENCA-CRESCENTE-DOS-HOMENS-NOS-ANOS-INICIAIS-DO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>> Acesso: 06 Jan. 2012.

SILVA, W. L. *Homens na roda: Vivências e interações corporais nas séries iniciais da educação básica*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: PUC/MG, 2006. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_SilvaWL_1.pdf> Acesso: 06 Jan. 2012.

SOUZA, M. I. *Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais*. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto. USP, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09022011-201510/pt-br.php>> Acesso: 10 set. 2011.

SOUZA, M. J. R. Educação: Profissão para o feminino, bico para o masculino. *Fazendo Gênero*, 2011. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278306837_ARQUIVO_EDUCACAO-PROFISSAOPAR AOFEMININO,BICOPARAOMAS CULINO.pdf> Acesso: 06 Jan. 2012.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. *Cad. Pagu* [online]. 2002, n.17-18, pp. 81-103. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf>> Acesso em: 18 set. 2011.